

LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO ATRAVÉS DAS CATEGORIAS: LUGAR, PAISAGEM E TERRITÓRIO

Analúcia Bueno dos Reis Giometti

Professora Doutora Titular do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas Públicas da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP/Franca. É professora do quadro da Pós-Graduação em Serviço Social - UNESP/Franca. Atualmente, exerce a Chefia do DECSPP do campus de Franca.

Sandra Elisa Contri Pitton

Professora Adjunta (Livre Docente) do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Departamento de Geografia – UNESP/Rio Claro e do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNESP/Rio Claro

Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza

Professora Assistente Doutora do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Departamento de Geografia – UNESP/Rio Claro e do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNESP/Rio Claro

INTRODUÇÃO

Buscar a compreensão da realidade não é uma tarefa somente da Geografia, mas dos diversos ramos do saber científico. Surge assim uma questão: qual a contribuição da Geografia para o entendimento do mundo (realidade) em que vivemos? Como a Geografia, enquanto disciplina escolar, pode organizar seu corpo de conhecimentos e torná-lo acessível ao aluno, para que ele seja capaz de realizar uma leitura “correta” da realidade que o cerca?

A Geografia defronta-se assim com a tarefa de analisar o espaço geográfico como uma categoria para compreender a realidade. Com esta abordagem, o ensino da Geografia direcionado para o Fundamental confere ênfase ao estudo do meio como resultante da ação do sujeito social responsável pela construção do lugar, da paisagem e do território.

Tais categorias devem ser consideradas em suas inter-relações e conexões, dada à dinâmica do espaço geográfico o qual constitui uma categoria central da Geografia e, ao longo da história desta ciência, foi concebido de diversas maneiras. Porém, não é nosso escopo retomá-las.

O espaço geográfico como objeto de estudo vai além da dinâmica do espaço físico e, hoje, o grande desafio que se coloca é compreender a inter-relação entre sociedade e natureza. Esta categoria deve ser analisada, transformada, criada e produzida pela sociedade à medida que o Homem se apropria da natureza, que guarda a especificidade de ser permanentemente (re)elaborada pelo fazer humano. Assim, de acordo com o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): “O espaço geográfico é historicamente produzido pelo homem, enquanto organiza econômica e socialmente sua sociedade” (BRASIL, 2000, p. 109). Nesta perspectiva, o espaço geográfico deve ser entendido como uma totalidade dinâmica em que interagem fatores naturais, socioeconômicos e políticos.

No conceito de espaço geográfico está implícita a ideia de articulação entre natureza e sociedade. Na busca desta articulação, a Geografia tem que trabalhar, de um lado, com os elementos e atributos naturais, procurando não só descrevê-los, mas entender as interações existentes entre eles; e de outro, verificar a maneira pela qual a sociedade está administrando e interferindo nos sistemas naturais. Para perceber a ação da sociedade é necessário adentrar em sua estrutura social, procurando apreender o seu modo de produção e as relações socioeconômicas vigentes.

Os estudos geográficos, ao possibilitarem a compreensão das relações sociedade-natureza, induzem à noção de cidadania, levando o aluno a analisar suas ações como agente ativo e passivo do meio ambiente e, portanto, capaz de transformar o espaço geográfico. Assim sendo, as práticas pedagógicas devem estar voltadas aos problemas da comunidade na qual os alunos estão inseridos, pois esta é a escala espacial local em que sua ação transformadora pode ser imediata. No que diz respeito à AÇÃO, há necessidade tanto de conhecimentos e habilidades, quanto de execução de um processo que mude a percepção e a conduta, o qual passa pela sensibilização e afetividade.

É necessário também que os professores estejam preparados para considerar no seu trabalho a própria dimensão individual dos seus alunos, pois “[...] mudar valores requer o alto conhecimento do indivíduo-sujeito” (CARVALHO, 2004, p. 42).

Categoria - Lugar

O conceito de lugar sempre esteve presente na análise geográfica, sofrendo amplas considerações em diferentes épocas. Por muito tempo, a Geografia tratou o lugar com uma expressão do espaço geográfico sob uma dimensão pontual (localização espacial absoluta). Para ultrapassar esta ideia, a discussão de lugar tem sido realizada sob duas acepções: lugar e experiência, e lugar e singularidade.

O lugar como experiência caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente. Nesta linha de raciocínio, o lugar é resultado de significados construídos pela experiência, ou seja, trata-se de referenciais afetivos desenvolvidos ao longo de nossas vidas.

[...] lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança (REL-PH, 1979, p. 156).

Sob esta interpretação, o lugar é diferente do espaço, posto que o primeiro é fechado, íntimo e humanizado, ao passo que o segundo seria qualquer porção da superfície terrestre, ampla e desconhecida. Assim, o lugar está contido no espaço.

A categoria lugar encerra espaços com os quais os indivíduos têm vínculos afetivos, onde se encontram as referências pessoais e os sistemas de valores que induzem a diferentes formas de perceber e construir a paisagem, e o espaço geográfico.

Na perspectiva de lugar e singularidade, o lugar é resultante, de um lado, de características históricas e culturais inerentes ao processo de formação, e de outro, da expressão da globalidade. Para Carlos (1996, p. 16), "O lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento". A concepção de lugar, sob este ponto de vista, possui uma dimensão histórica que está relacionada com a prática cotidiana, sendo que o lugar surge do plano vivido. Ainda segundo a autora, pensar o lugar:

[...] significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição mundial. (CARLOS, 1996, p. 20).

Diante do exposto, o lugar pode ter uma acepção a partir de visões subjetivas vinculadas às percepções emotivas, a exemplo do sentimento topofílico aos quais se refere Yu-Fu-Tuan (1975, p. 1015), e outra, através do cotidiano compartilhado com diversas pessoas e instituições que nos levam à noção de “espaço vivido”.

Pesquisas revelam que a categoria lugar é compreendida, pelos alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental, a partir de experiências e de relações afetivas. Neste sentido, no ensino, o conceito do lugar pode ser formado e/ou compreendido como espaço de vivência, onde estão inseridas suas necessidades existenciais, suas interações com os objetos e as pessoas, suas histórias de vida.

Neste espaço vivido (lugar), onde os alunos têm contato e vislumbram relações locais e globais, pode-se perceber nitidamente uma imbricação dos conceitos paisagem e lugar, como nos mostra Cavalcanti (1998, p. 100):

[...] na formação do raciocínio geográfico, o conceito de *paisagem* aparece no meu entendimento, no primeiro nível de análise do lugar, estando estreitamente com este conceito. É pela paisagem, vista em seus determinantes e em suas dimensões, que vivencia empiricamente um primeiro nível de identificação com o lugar.

Categoria - Paisagem

A paisagem constitui uma categoria com caráter específico para a Geografia e distinto daquele utilizado pelo senso comum. Desde a sistematização do conhecimento geográfico, foram vários os conceitos de paisagem. Uma grande contribuição foi aquela dada por Paul Vidal de La Blache: paisagem é aquilo que “[...] o olho abarca com o olhar”. Entretanto, o percurso mais dinâmico do entendimento da paisagem reside na forma de interpretá-la, pois antes se fundamentava apenas na descrição empírica dos seus elementos, e hoje, é acrescida de relações e conjunções de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais.

A paisagem como objeto de estudo, ao longo dos dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental, pode ser abordada a partir da paisagem local e, neste sentido, os PCNs orientam os professores sobre os caminhos metodológicos, conforme o texto abaixo:

O estudo da paisagem local não deve restringir à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem. Deve-se também buscar as relações entre a sociedade e natureza que aí se encontram presentes situando-as em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando-as, conferindo-lhes significados, compreendendo-as. Estudar a paisagem local ao longo do pri-

meiro e segundo ciclos é aprender a observar e a reconhecer os fenômenos que a definem e suas características; descrever, representar, comparar e construir explicações, mesmo que aproximadas e subjetivas, das relações que aí se encontram impressas e expressas (BRASIL, 2000, p. 116).

A paisagem conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro, em uma convivência de diferentes temporalidades que faz de cada uma delas única. Entendida como um produto social e histórico, ela retrata as sociedades que a construíram e a constroem.

Paisagem é, portanto, visível e material, mas o processo de sua transformação nos revela grandes conflitos socioambientais. Portanto, ela não é estática, está em constante transformação.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial. (SANTOS, 1996, p. 65).

As categorias paisagem e território possuem uma relação bastante estreita. A paisagem, neste contexto, pode ser definida como uma unidade visível do território. Dito de outro modo, no território tem-se um conjunto de paisagens contidas nos limites político-administrativos, como por exemplo: cidade, estado e país.

Categoria - Território

Os estudos do território têm como base central as relações entre os agentes sociais, políticos e econômicos interferindo na gestão do espaço. Isto porque a delimitação do território está assentada nas relações de poder, domínio e apropriação nele contidas.

O território configura-se como uma porção concreta do espaço geográfico, onde se revelam as diferenças de condições ambientais e de vida da população.

Enfim, o território é fonte de recursos e só assim pode ser compreendido quando focado em sua relação com a sociedade e suas relações de produção, o que pode ser identificado pela indústria, pela agricultura, pela mineração, pela circulação de mercadorias etc., ou seja, pelas diferentes maneiras que a sociedade se utiliza para se apropriar e transformar a natureza (SPOSITO, 2004, p. 112-113).

É o uso diferenciado do território que acaba conferindo-lhe enormes complexidades. Estas acabam retratando as diversidades culturais que, embora convivam mutuamente, buscam, na produção do território, o reconhecimento de suas especificidades.

A análise do processo de produção dos diferentes territórios deve focar o homem como sujeito produtor do espaço, contemplando o social, o cultural, o econômico, o político e os seus valores.

No decorrer da história do pensamento geográfico, o território ganha diferentes tipos de abordagens, desde a representação de uma parcela do espaço, identificada pela posse e definida pela apropriação, até o importante papel dado à dominação. Ou seja, o território é dominado por uma comunidade ou por um Estado. A conotação política também ganha força nos estudos de Geopolítica (território = espaço nacional), significando área controlada por um Estado Nacional. O conceito de território se alarga permitindo explicar muitos fenômenos geográficos relacionados à organização da sociedade e suas interações com as paisagens.

Procurando contribuir com a construção do conceito de território, em uma perspectiva geográfica, Sposito aponta dois caminhos possíveis; o primeiro, afirma o autor:

[...] refere-se ao estabelecimento de redes de informação que, com o rápido desenvolvimento tecnológico, permitem a disseminação de informações em frações de tempo, tornando-se significativas por romperem com a barreira da distância-elemento fundamental para a apreensão do território em sua escala individual. Dessa maneira, os territórios perdem fronteiras, mudam de tamanho dependendo do domínio tecnológico de um grupo ou de uma nação, e mudam, conseqüentemente, sua configuração geográfica. (SPOSITO, 2004, p. 114).

Complementando sua exposição, Sposito (2004, p. 115) acredita que:

O segundo caminho pode ser aquele do questionamento da volta ao indivíduo e sua escala do cotidiano, como formas de apreensão das dimensões territoriais e da capacidade de projetar a liberdade como meio de satisfação das necessidades individuais. A casa, a rua, o ambiente de trabalho, os grupos de pessoas circundantes e tudo aquilo que faz parte do cotidiano torna-se elemento referencial para estudos dessa natureza. Nessa dimensão, o indivíduo pode ganhar em termos de inventividade e de solidariedades novas, tornando-a revolucionária porque é nesse nível que a liberdade se projeta, que a desregulamentação passa pela decisão da pessoa.

Em uma perspectiva de ensino-aprendizagem, a categoria de análise do território não poderá ser entendida, discutida e interpretada se não antevermos sua importância social, já que é suporte e condição para que as relações sociais continuem a se desenvolver. Outro pressuposto para o entendimento do território é considerá-lo como expressão da força política. Desse modo, trabalhar com esta categoria nas séries iniciais do Ensino Fundamental não pode significar a supervalorização do político em detrimento do social e, neste sentido, os PCNs nos colocam a seguinte ideia:

[...] O território é uma categoria importante quando se estuda a sua concretização ligada à formação econômica e social de uma nação. Nesse sentido, é o trabalho social que qualifica o espaço, gerando o território. Território não é apenas a configuração política de um Estado-Nação, mas sim o espaço construído pela formação social. (BRASIL, 2000, p. 111).

Um autor que contribuiu efetivamente para o avanço da construção do conceito de território é Souza (1995, p. 111), quando traz a seguinte reflexão:

[...] assim como o poder não se circunscreve ao Estado nem se confunde com a violência e a dominação (vale dizer, com a heteronomia), da mesma forma o conceito de território deve abarcar infinitamente mais que o território do Estado-Nação. Todo espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder é um território, do quarteirão aterrorizado por uma gangue de jovens até o bloco constituído pelos países–membros da OTAN.

Pelo exposto, observa-se que o território é uma categoria de análise que permite entendermos as relações sociais tecidas no decorrer da história. Visto deste modo, o território contempla uma dinâmica espacial em constante (re)organização. Para Santos:

Seja qual for o país e o estágio do seu desenvolvimento, há sempre nele uma configuração territorial formada pela constelação de recursos naturais, lagos, rios, planícies, montanhas e florestas e também de recursos criados: estradas de ferro e de rodagem, condutos de toda ordem, barragens, açudes, cidades, o que for. É esse conjunto de todas as coisas arranjadas em sistema que forma a configuração territorial cuja realidade e extensão se confundem com o próprio território de um país. Tipos de floresta, de solo, de clima, de escoamento, são interdependentes, como também o são as coisas que o homem superpõe à natureza. Aliás, a interdependência se complica e completa justamente porque ela se dá entre as coisas que chamamos de naturais e as que chamamos de artificiais (1996, p. 75-76).

Diante do exposto, a abordagem geográfica da realidade, ao ser efetuada com base nas diferentes categorias espaciais, deve ser assinalada como um processo de construção de conhecimento geográfico, ou seja, a partir da compreensão de como essa realidade é construída, percebida e vivenciada, e não como conteúdos em si mesmos, com explicações simplistas e reducionistas.

REFERÊNCIAS



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Caracterização da Área de Geografia. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BUTTNER, Anne. "Hogar, Campo de movimento y sentido del lugar". In: RAMON, Maria Dolores Garcia (Mg.). **Teoria y Método en La Geografía Anglosajona**. Barcelona: Ariel, 1985.

CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996, 150 p.

CASTRO, Iná E. et al. (Org.). **GEOGRAFIA**: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CASTROGIOVANNI, Ant. C.; CALLAI, H. C. et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. 4. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS/AGB/Seção Porto Alegre, 2003.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998, 191 p.

CARVALHO, Maria Bernadete Sarti da Silva. **Meio Ambiente e Cidadania**: A interface Educacional, 2004. 224f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

PEREIRA, Diamantino. Paisagens, lugares e Espaços: A Geografia no Ensino Básico. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 79, p. 9-21, 2003.

RELPH, Zech C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, n. 4, v. 7, p. 1-25, 1979.

SANTOS, Milton. Paisagem e Espaço. In: SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 4. ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SPÓSITO, Eliseu S. **Geografia e Filosofia**: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **Geographical Review**, New York, USA, v. 65, n. 2, p. 151-165, 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel. 1983. 250 p.